



## DA INTERSEÇÃO ENTRE RELIGIÃO E DEPENDÊNCIA QUÍMICA: TEMAS RELACIONADOS AO ASSUNTO

### INTERSECTION BETWEEN RELIGION AND ADDICTIONS: ISSUES RELATED TO THE SUBJECT

*Janine Targino\**

#### RESUMO

Pode-se dizer que a interseção entre religião e dependência química é algo bastante profícuo na literatura das Ciências Sociais e áreas afins. Na atualidade, a questão da dependência química atravessa todas as esferas sociais, e isso justifica uma abordagem na qual diversos autores que se dedicam ao fenômeno religioso podem ser acionados para tratar sobre o tema. De fato, deve-se sublinhar que as religiões cristãs recebem ênfase no que tange à problemática da busca por recuperação da dependência química e, justamente por isso, são elas que mais figuram no conjunto bibliográfico que trata deste assunto. Desta forma, neste artigo proponho a construção de um panorama sobre a produção acadêmica a respeito da interseção entre religião e dependência química utilizando autores que se debruçaram sobre temáticas relacionadas ao tema.

**Palavras-chaves:** Religião; Dependência Química; Religiões Cristãs; Drogas

#### ABSTRACT

It can be said that the intersection between religion and addiction is something quite fruitful in the literature of the social sciences and related fields. Currently, the issue of addiction crosses all social spheres, and this justifies an approach in which several authors who are dedicated to the religious phenomenon can be triggered to treated on the subject . In fact, it should be emphasized that Christian religions receive emphasis on those regarding the problem of search for recovery of chemical dependency, and rightfully so, they are more included in the bibliographic group that deals with this subject. Thus, in this paper, I propose to build an overview of the academic production about the intersection between religion and addiction using authors who have studied issues related to the topic.

**Keywords:** Religion; Chemical dependency; Christian religions; Drugs

---

\* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014). Atualmente é bolsista de pós-doutorado em Sociologia Política na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF. E-mail: [janine.targino.silva@gmail.com](mailto:janine.targino.silva@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a interseção entre religião e dependência química é algo bastante profícuo na literatura das Ciências Sociais e áreas afins. Tal fenômeno ocorre como consequência do fato de que, na atualidade, a questão da dependência química atravessa todas as esferas sociais, inclusive a religiosa. Entre os autores que se dedicam aos temas relacionados a este assunto vemos tanto aqueles que desvendam o *modus operandi* das religiões cristãs diante do vício de drogas quanto aqueles que nos trazem dados para sustentar a hipótese de que a religião possui potencial para atuar como um fator de inibição para o uso abusivo de drogas. Fato é que existe uma série de temáticas que gravitam em torno do grande tema religião e dependência química, e este artigo busca apresentar tais temáticas sob o ponto de vista de diversos autores que observam o fenômeno religioso e áreas correlatas. Ressalta-se que as religiões cristãs recebem ênfase no que tange à problemática da busca por recuperação da dependência química e, justamente por isso, são elas que mais figuram no conjunto bibliográfico que trata deste assunto. Assim sendo, nas páginas a seguir serão apresentadas referências bibliográficas que nos auxiliam no melhor entendimento acerca da relação, geralmente de oposição, entre religião e dependência química.

### 1. A IGREJA CATÓLICA E O PROTESTANTISMO CONTRA AS DROGAS

De acordo com Hobsbawn, eventos históricos como a Revolução Cultural dos anos 1960 trouxeram consigo elementos que abalaram diretamente a Igreja. Neste movimento, o sexo e o uso de drogas foram usados como meios para romper com o Estado, as leis e as convenções, postura essa que levou ao desenvolvimento de um novo individualismo que afetou especificamente o formato considerado como *família tradicional* e a Igreja Católica. Ainda seguindo as indicações de Hobsbawn, um dos resultados diretos deste movimento foi a queda drástica do comparecimento à missa. Nas palavras deste autor, “a autoridade moral e material da Igreja sobre os fiéis desapareceu no buraco negro que se abriu entre suas regras de vida e moralidade e a realidade do comportamento de fins do século XX” (HOBSBAWN, 1995, p. 325).

Diante de acontecimentos históricos como esse, não causa espanto que a postura da Igreja Católica com relação às drogas, sobretudo as classificadas como ilícitas, tenha se tornado cada

---

vez mais rígida com o passar do tempo. Dessa maneira, a rejeição ao uso de drogas é algo explícito na Igreja Católica e é tratada de maneira radical em sua literatura. No Compêndio de Catecismo utilizado por esta vertente religiosa é possível visualizar que a posição da Igreja no que tange ao consumo de entorpecentes está vinculada aos cuidados com a saúde física, de si próprio e a alheia, que todos os católicos devem manter. Assim, o abuso no consumo de alimentos, álcool, fumo e medicamentos devem ser evitados, da mesma forma que “o uso de drogas que causam gravíssimos danos à saúde e à vida humana” são atos que precisam ser abolidos pelos católicos (COMPÊNDIO DE CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2005, p. 146).

Não só a rejeição ao uso de drogas, mas também o discurso contrário à legalização das drogas que hoje compõem o conjunto de substâncias entorpecentes ilícitas está presente na produção literária dos representantes da Igreja Católica. Segundo Sodano (2000), a posição da Igreja deve se manter firme contra a legalização das drogas atualmente classificadas como ilícitas, pois a permissibilidade para o uso de substâncias entorpecentes poderia trazer consigo efeitos colaterais de incalculáveis proporções. Este autor cita a expressão “mercadores da morte” usada por João Paulo II para se referir aos traficantes de drogas e, diante dos males provocados pela dependência química, Sodano considera que a morte provocada pelo uso abusivo de drogas não é necessariamente física, mas sim uma morte moral, posto que o usuário de drogas perde a liberdade e a dignidade ao se deixar escravizar pelo consumo de entorpecentes. (SODANO, 2000).

A postura condenatória ao uso de drogas não é exclusividade da Igreja Católica. De fato, entre as religiões cristãs que, via de regra, rejeitam completamente o uso de drogas ilícitas, a vertente protestante atua com bastante vigor. Segundo BECKER (2008), um dos maiores valores da chamada ética protestante é a prescrição de que o indivíduo deve exercer total responsabilidade por todas as suas ações e por tudo que lhe acontece. Por isso, o uso de entorpecentes deveria ser evitado, já que o consumo de substâncias como o álcool e drogas pode levar o indivíduo a perder o controle sobre seus atos (BECKER, 2008). Especificamente entre os neopentecostais, embora exista certa flexibilidade no que diz respeito a

---

comportamentos rejeitados pelo protestantismo clássico, a proibição ao uso de tabaco, álcool e drogas ilícitas permanece forte<sup>1</sup> (MARIANO, 2005).

Assim como a Igreja Católica, a corrente protestante também se mostra contrária à legalização das drogas ilícitas. No Brasil, a posição contrária dos evangélicos à legalização das drogas tornou-se efetiva quando da composição da Assembleia Constituinte de 1988. Nesta ocasião um bloco suprapartidário composto por 33 evangélicos participou ativamente nas duas Comissões em que a questão moral era mais evidente: na de Família, Educação e Cultura e na de Soberania e Direitos do Homem e da Mulher. Como resultado da atuação deste grupo, predominaram as posições contrárias não só às drogas, mas também ao aborto, ao feminismo, ao *homossexualismo* e à pornografia (MACHADO, 1996, p. 104).

## **2. A ATUAÇÃO DE DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS E DA IGREJA CATÓLICA NA RECUPERAÇÃO DE DEPENDENTES QUÍMICOS**

Ao mesmo tempo em que se opõem ao uso e legalização das drogas ilícitas, estudos indicam que as vertentes evangélica e católica cada vez mais se personificam em comunidades terapêuticas religiosas que visam recuperar dependentes químicos em geral. Pesquisa realizada por Sanchez (2006) entre evangélicos, espíritas e católicos apontou que a religiosidade, definida como frequentar uma igreja regularmente e seguir seus preceitos, pode ser vista como um fator de proteção para o consumo abusivo de drogas. Segundo a autora, os evangélicos foram os que mais utilizaram a religião como forma exclusiva de tratamento, ao mesmo tempo em que apresentaram repulsa ao papel do médico e a qualquer tipo de tratamento farmacológico. Aqueles que se identificaram como espíritas foram os que mais buscaram o apoio terapêutico à dependência de álcool simultaneamente ao tratamento convencional, fato que a autora associa ao maior poder aquisitivo deste grupo religioso. Já os católicos utilizaram mais a terapêutica religiosa exclusiva, mas relataram menos repulsa a um possível tratamento médico. Para Sanchez, agregados à fé religiosa, fatores como o apoio dado pelos líderes religiosos para a reestruturação da vida e a pressão positiva e acolhimento

---

<sup>1</sup> Salvo poucas exceções, como a Congregação Cristã, a Igreja Nova Vida, a Comunidade Evangélica, A Igreja Cristo Salva e a Igreja Universal do Reino de Deus que permitem o uso moderado de bebidas alcoólicas leves, como cerveja e vinho. Contudo, deve-se ressaltar que mesmo estas igrejas condenam veementemente a embriaguez (MARIANO, 2005).

---

proporcionados pelo grupo caracterizam a intervenção religiosa na recuperação de dependentes químicos (SANCHEZ, 2006).

Seguindo perspectiva semelhante à de Sanchez, Luz (2007) observou em sua dissertação de mestrado a religiosidade vivenciada no contexto da recuperação de jovens dependentes químicos através de relatos pessoais. Os resultados encontrados pela autora apontam que a fé religiosa vivenciada na recuperação de dependentes químicos é importante na medida em que proporciona esperança e ânimo para aqueles que buscam recuperação da dependência química. Além disso, o material coletado pela autora indica que a religiosidade possibilitou para os dependentes químicos em recuperação um novo sentido para a vida e uma nova forma de ver o mundo e a si mesmos.

Já Silva & Garcia (2004) observaram 22 comunidades terapêuticas religiosas dedicadas ao tratamento de dependentes químicos no estado do Espírito Santo. Dentre o conjunto de comunidades terapêuticas analisadas pelas autoras constatou-se que 80% delas eram de orientação evangélica, enquanto apenas 3 eram católicas e uma espírita kardecista. De acordo com as autoras, estas comunidades terapêuticas atuam em três distintas frentes: espiritual, ocupacional e recreativa. Do mesmo modo, estas instituições utilizam estratégias religiosas como, por exemplo, estudos bíblicos, orações, cultos e canções religiosas para tratar os dependentes químicos atendidos. Ainda de acordo com as autoras, é comum que a abordagem terapêutica utilizada nestas instituições seja permeada pela crença de que a dependência química é provocada por algum *mal espiritual* e, em função disso, a base do tratamento oferecido está na fé que o dependente químico precisa desenvolver em Deus (SILVA & GARCIA, 2004).

Dorea (2011) destaca que no Brasil a “Desafio Jovem” constitui uma das maiores redes de comunidades terapêuticas religiosas de perfil evangélico. Com origem norte-americana, a Desafio Jovem foi trazida para território nacional no ano de 1977 pelo Pastor Bernardo Johnson. Contudo, em função de razões adversas, a Desafio Jovem se desarticulou com o passar do tempo e apenas no ano de 1995, sob orientação do Pastor Galdino Moreira Filho, tornou-se possível a reorganização e o fortalecimento do trabalho realizado por esta rede de comunidades terapêuticas. A partir de então, as comunidades terapêuticas ligadas a Desafio Jovem receberam o nome de Federação de Comunidades Terapêuticas Evangélicas do Brasil (FETEB), programa que incentivou o engajamento de várias entidades na luta contra a

dependência química (DOREA, 2011). Embora esteja pautada na adoção de práticas religiosas típicas ao pentecostalismo, como a glossolalia<sup>2</sup> e a crença no dom da cura divina, a Desafio Jovem não está vinculada a nenhuma denominação evangélica.

### **3. A ATUAÇÃO DO PENTECOSTALISMO E DA IGREJA CATÓLICA CONTRA O ALCOOLISMO**

No que tange à recuperação de alcoólicos, a corrente pentecostal se destaca. Pesquisas feitas por Mariz revelaram a enorme quantidade de relatos que descrevem a recuperação do alcoolismo simultaneamente ao processo de conversão ao pentecostalismo (MARIZ, 1994a; 1994b). Em suas conclusões a autora nos sugere que o alcoolismo atua como um fator importante, entre outros, para o ingresso no pentecostalismo. Isto aconteceria, principalmente, porque as igrejas pentecostais são vistas como instrumentos eficientes de ajuda na recuperação da dependência do álcool e no apoio aos familiares daqueles que sofrem com este problema.

Mariz também aponta que não existem elementos que convirjam para a conclusão de que o pentecostalismo oferece um “tratamento efetivo” contra o alcoolismo, embora os fiéis acreditem piamente que a religião é o remédio mais importante e mais forte contra qualquer tipo de vício. Além disso, também existiria certa dose de exagero por parte dos convertidos ao afirmarem que eram alcoólicos, uma vez que não se sabe qual o real grau de dependência do álcool que os mesmos apresentavam antes da conversão (MARIZ, 1994b).

Machado (Ibidem), em sua pesquisa sobre carismáticos e pentecostais, também conclui que o pentecostalismo constitui uma possibilidade de recuperação para o alcoólico e um instrumento no qual o familiar do dependente busca apoio para enfrentar o problema. Enfatizando o papel de destaque exercido pelas mulheres no pentecostalismo, tendo em vista que a parcela feminina das fileiras pentecostais é sobremaneira maior que a masculina, esta autora nos diz que nos momentos de dificuldade atravessados pelos alcoólicos são as mulheres ou mães dos viciados que buscam auxílio nas igrejas. É através do intermédio feminino que os pastores tentarão atingir os cônjuges “endemoniados”, libertando-os da interferência maligna (MACHADO, 1996).

---

<sup>2</sup> Segundo as definições pentecostais, a glossolalia diz respeito ao dom espiritual de falar a “língua dos anjos”.

Por outro lado, a postura um tanto quanto mais flexível da Igreja Católica no que diz respeito ao consumo de bebidas alcoólicas faz com que esta vertente religiosa atue de maneira diversa a das denominações protestantes. Segundo Bontempo (2012), a Igreja Católica teve na produção e comércio de vinho a sua fonte principal de riquezas, tendo lucrado mais com o vinho do que com os dízimos de seus seguidores, desde sempre. Mesmo na atualidade, com a existência de grandes trustes de comércio de vinho espalhados por todo o planeta, nunca existiu nenhum grupo comerciante que tenha conseguido superar o Vaticano como o maior comerciante de vinho de todas as épocas da história da humanidade. A ampla comercialização de vinho pela Igreja Católica esteve associada às suas construções cosmológicas onde o vinho figura como o representante do sangue de Jesus Cristo, elemento que deve ser ingerido em pequenas quantidades apenas em rituais e missas (BONTEMPO, 2012). Diante desse aspecto que vincula tão fortemente a Igreja Católica à produção e venda de uma bebida alcoólica tão consumida no mundo todo, pode-se tornar mais simples entender os motivos pelos quais o alcoolismo, problema que predomina entre muitos católicos, inclusive padres, recebe da Igreja um tratamento mais benevolente se comparados à forma como os demais comportamentos condenados pelo Vaticano são tratados (DOMINIAN, 1989).

Este tratamento mais benevolente para com os alcoólicos está diretamente ligado à participação da Igreja Católica no atendimento de indivíduos viciados em álcool que solicitam ajuda para superar sua dependência química. Além das comunidades terapêuticas católicas que atuam no atendimento de dependentes químicos em geral, a parceria construída com os Alcoólicos Anônimos (AA) através da cessão de espaço nas paróquias<sup>3</sup> para as reuniões deste grupo também se configura em uma das investidas católicas na empreitada de oferecer auxílio a indivíduos dependentes de álcool (ARANTES et al, 2012).

---

<sup>3</sup> Os Narcóticos Anônimos (NA) também constituem um grupo que frequentemente utiliza espaços cedidos por paróquias para a realização de suas reuniões.

---

#### 4. A RELIGIÃO ENQUANTO FATOR DE PROTEÇÃO AO USO ABUSIVO DE DROGAS

Continuando com a exposição do impacto positivo da religiosidade apontado por vários autores, pode-se dizer que tal impacto ultrapassa a esfera na recuperação da dependência química e se reflete em outros aspectos relacionados à dependência química. Estudos apontam que a religiosidade também auxilia na prevenção ao consumo abusivo de drogas. Panzini & Bandeira (2005) nos mostram que existem vários estudos nacionais e internacionais que afirmam ser a religião um inibidor extremamente eficiente para o consumo abusivo de drogas e álcool.

Hadaway et al (*apud* Evans, 2002) observaram a relação entre o compromisso religioso e o uso e a atitude em relação ao uso de drogas entre um grupo de adolescentes. Segundo os pesquisadores, os resultados do estudo realizado convergem para a conclusão de que a frequência do jovem e de seus pais à igreja, a importância pessoal que o jovem atribui à religião, a oração pessoal, a ortodoxia associada à obediência aos pais é inversamente proporcional ao uso de álcool e drogas ilícitas, da mesma forma que a comportamentos favoráveis ao uso dessas substâncias. Expressando os resultados da pesquisa em dados numéricos, tem-se que os jovens submetidos à pesquisa que disseram considerar a religião extremamente importante seriam menos propensos a beber ao menos uma vez por semana (8% contra 26%), usar maconha regularmente (5% contra 23%) e consumir outras drogas ilícitas (7% contra 25%) do que os jovens que disseram não considerar a religião algo realmente importante (HADAWAY et al *apud* EVANS, 2002).

Dalgarrondo et al (2004), em seu estudo sobre a dependência química entre um grupo de adolescentes de Campinas, São Paulo, constataram que o uso sistemático de uma ou mais drogas é um hábito mais recorrente entre os jovens que foram educados sem uma referência religiosa oferecida pelos pais ou educadores. Além disso, Dalgarrondo et al (*Ibidem*) apontam que os jovens que declararam ser seguidores de denominações evangélicas são os que apresentam o uso problemático de álcool em menor frequência se comparados aos jovens que disseram ser católicos.

Na mesma linha, Silva et al (*apud* DIEHL et AL, 2011) encontraram maior consumo de álcool entre católicos do que em protestantes ao observarem um grupo de estudantes universitários.



Diante destes dados, pode-se concluir que, embora a religião atue como um grande fator de proteção para o consumo abusivo de drogas, os jovens adeptos da vertente católica parecem estar mais vulneráveis ao desenvolvimento da dependência química do que os jovens que seguem denominações protestantes.

De acordo com Ribeiro & Bogar (2011), ainda que os estudos sobre a proteção exercida pela religião contra o desenvolvimento da dependência química priorizem a investigação sobre a afiliação religiosa e a frequência a cultos, existem muitas outras variáveis associadas à religião observadas em pesquisas desenvolvidas sobre este tema. Nestas outras variáveis estão incluídas a importância atribuída à religião na vida, o envolvimento direto com a religião, medidas de crença religiosa, práticas religiosas pessoais, participação em atividades da igreja além dos cultos, tempo gasto com atividades religiosas e crenças e valores religiosos ortodoxos ou fundamentalistas.

## **5. LIBERDADE E AUTODETERMINAÇÃO DO INDIVÍDUO SEGUNDO PENSADORES DA PSICOLOGIA MODERNA E DA SOCIOLOGIA CLÁSSICA**

Segundo os estudos supracitados, podemos apontar uma afinidade eletiva entre religiosidade e recuperação/prevenção da dependência química. Contudo, em função do caráter profundamente ideológico do modelo religioso de tratamento da dependência química, muitos são os autores orientados pelos preceitos da moderna psicologia que sustentam críticas bastante severas aos mecanismos de atuação da religiosidade no tratamento da dependência de drogas. BUCHER & COSTA<sup>4</sup>, por exemplo, chegam a utilizar termos como “troca de dependência”, “reintoxicação ideológica” e “submissão ao Senhor Jesus” como componente de uma suposta “droga de substituição” para abordar o assunto (BUCHER & COSTA, 1988, p. 74; 1985, p. 77).

Já Cordeiro & Gonçalves (1988) questionam diretamente a eficácia do modelo religioso de atendimento a dependentes químicos, e apontam aqueles que, segundo os autores, são os pontos mais críticos das instituições religiosas que tratam de dependentes químicos. Em primeiro lugar, estes autores nos dizem que tal tratamento utilizaria uma abordagem reducionista do problema por desconhecer outros aspectos da história pessoal do indivíduo.

---

<sup>4</sup> Estes autores classificam o atendimento oferecido por grupos religiosos a dependentes químicos como uma variante do modelo comportamental (BUCHER & COSTA, 1988, p. 74).

---

Em segundo lugar, este tipo de tratamento seria equivocados do ponto de vista clínico, já que “propõe a substituição da dependência da droga por uma crença religiosa nem sempre solicitada pelo indivíduo” (CORDEIRO & GONÇALVES, 1988, p. 98). Por último, os autores chegam a indicar que o trabalho feito por estas instituições religiosas possui implicações éticas, já que pode levar “o sujeito a uma situação de fanatismo quase sempre tão prejudicial quanto a situação inicial que o levou à instituição” (CORDEIRO & GONÇALVES, 1988, p. 98). Pode-se observar que as duras críticas apresentadas pelos autores vinculados à moderna psicologia estão fundadas sobre a concepção de liberdade individual, já que, para estes autores, o indivíduo é compreendido como um ser autônomo e autodeterminado.

Entre os autores clássicos das Ciências Sociais, os apontamentos feitos por Marx vão de encontro às críticas inspiradas pelos preceitos da psicologia moderna. Segundo Marx, “o sofrimento religioso é, a um único e mesmo tempo, a expressão do sofrimento real e um protesto contra o sofrimento real”, e acrescenta: “a religião é o único suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração e a alma de condições desalmadas. A religião é o ópio do povo” (MARX, 2010, p. 145). Para Marx, a religião atuava como uma espécie de entorpecente, posto que o autor compara a religião ao ópio, uma droga bastante poderosa de sua época. As condições de vida na Europa do século XIX tornavam os trabalhadores algo próximo a escravos. Diante deste quadro, a religião surgia como um alento que prometia um mundo melhor para os que sofriam, embora esta promessa de um mundo melhor fosse apenas para a próxima vida. Assim, Marx entendia que a religião, além de ser uma ilusão, também exercia a função de tapar os olhos dos oprimidos impedindo que os mesmos pudessem ver os fatores reais que provocavam suas péssimas condições de vida. De acordo com Marx, a religião teria o poder de agir como um narcótico que alivia a dor do trabalhador, ao mesmo tempo em que embriaga o oprimido a ponto de deixá-lo completamente incapaz de fazer algo efetivo que possa transformar sua realidade. Para Marx, uma vez que a religião prometia um mundo melhor no porvir, ela acabava por adiar a revolução que, de fato, conseguiria transformar a realidade dos trabalhadores (MARX, 2005).

---

## 6. O INDIVÍDUO AUTÔNOMO E AUTODETERMINADO SEGUNDO PERSPECTIVAS RELIGIOSAS

Em contraposição aos pontos de vista marxista e da moderna psicologia está o ponto de vista religioso. Aqui serão consideradas mais especificamente as perspectivas do pentecostalismo e do catolicismo sobre a construção do indivíduo autônomo e a forma como ele se autodetermina frente às questões de cunho prático que permeiam a vida.

Diferentemente do indivíduo autônomo e autodeterminado da moderna psicologia, o pentecostalismo defende que o indivíduo quando isolado do poder de Deus, ou da igreja e sua “doutrina”, não tem autonomia e é presa fácil das forças malignas (MARIZ, 1994b, p. 207). Ou seja, o conceito de liberdade pentecostal se reporta a uma submissão a Deus, a sua regra e a seu plano. Indo contra os preceitos da moderna psicologia, o pentecostalismo sustenta que ser livre não é seguir os desejos individuais, mas sim seguir a ética e a palavra de Deus (MARIZ, 1994b).

Além disso, Mariz (1994b) igualmente destaca que há individualismo e autonomia na vivência da fé pentecostal, já que na visão dos adeptos dessa religiosidade é o indivíduo que pode e deve determinar que se tornará livre do demônio e do mal em geral ao seguir Jesus. Uma vez convertido, o homem se torna responsável por se manter livre das forças maléficas que antes lhe fizeram aderir ao vício do álcool. Ou seja, antes de se converter, o homem alcoólico não tem conhecimento dos reais motivos que o levam para o vício. Mas, depois de se converter, ele passa a saber sobre a ação do demônio em sua vida e daí adquire total responsabilidade no que diz respeito ao afastamento do mal de sua vida e, conseqüentemente, também se torna responsável por se livrar de seu vício (MARIZ, 1994b).

A bibliografia que trata da cosmologia pentecostal nos ajuda a melhor entender as concepções de indivíduo e liberdade vigentes nesta vertente religiosa. Autores como Birman (1997), Guimarães (1992), Mariz (1997, 1999) e Rolim (1987) sublinham que a centralidade atribuída ao demônio no pentecostalismo favorece uma interpretação na qual o demônio é acusado de provocar infortúnios e malefícios de todas as naturezas. Além disso, o demônio também é apontado como responsável por levar as pessoas a terem comportamentos inadequados, como o uso sistemático de drogas, prostituição, roubo, entre outros. Como desdobramento disso, a cosmologia pentecostal observa aqueles que manifestam comportamento desviante como

---

oprimidos e subjugados pelas forças demoníacas (BIRMAN, 1997; MACHADO, *Ibidem*; MARIZ, 1997, 1999). Assim sendo, a responsabilidade pelas falhas de conduta não deve cair sobre o desviante propriamente dito, mas sim sobre as forças espirituais que atuam negativamente fazendo-lhe agir de tal maneira.

Associado à centralidade dada ao demônio, vemos no discurso pentecostal a ênfase no termo “libertação”. De acordo com Mariz (1994b), a ideia de libertação empregada no pentecostalismo pressupõe que os sujeitos são fracos e passíveis de serem dominados pelo mal. Por conseguinte, os sujeitos não são vistos como responsáveis pelo mal que provocam, mas apenas como vítimas dele. Neste sentido, o discurso de ex-alcoólicos conversos ao pentecostalismo é especialmente ilustrativo já que, para estes, apenas concomitantemente ao processo de libertação do demônio ou do mal é possível a libertação do alcoolismo (MARIZ, 1994b).

Por sua vez, a perspectiva da vertente católica sobre o indivíduo autônomo e autodeterminado também é atravessada por elementos que se afastam da postura sustentada pelos que seguem os preceitos da psicologia moderna. Não é recente a condenação da Igreja Católica à ideia de indivíduo moralmente autônomo, visto que o pressuposto da liberdade de consciência vai contra o dever de obediência sustentado pela Igreja (SAVATER, 2008). A reação da igreja ao individualismo e à concepção de livre arbítrio pujantes na sociedade moderna foi de completa rejeição, pois não cabia nas perspectivas católicas a percepção de que a sociedade seria formada por indivíduos livres e autônomos (SILVA, 2011). Segundo o entendimento sustentado pela Igreja, a crença em uma sociedade marcada pelo individualismo torna o tecido social mais vulnerável à desagregação e, por isso, mais frágil (BOMENY, 2003).

No âmbito dos ensinamentos católicos, o conceito de liberdade é atravessado pelo entendimento de que, embora o indivíduo tenha o poder de agir ou não através de seus atos deliberados, o exercício da liberdade somente pode alcançar sua plenitude quando os atos do indivíduo estão ordenados para Deus, ou seja, estão de acordo com os preceitos religiosos sustentados pela Igreja. Dessa forma, o conceito de liberdade expresso na doutrina católica não pressupõe o direito de fazer ou dizer tudo o que for da vontade do indivíduo, posto que a responsabilidade por todos os atos cometidos voluntariamente recai sobre o indivíduo invariavelmente (COMPÊNDIO DE CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2005, p. 475).

A negação do individualismo e das ideias de indivíduo moralmente autônomo e de livre arbítrio vai de encontro à maneira como os males que afetam a sociedade moderna são abordados, e o exemplo do uso abusivo de drogas ilícitas serve perfeitamente para ilustrar este ponto. Como nos demonstram Momm & Momm (2000), as comunidades terapêuticas católicas dedicadas ao tratamento de dependentes químicos pautam seu trabalho nos chamados “Doze Passos para os cristãos” que, pode-se dizer, trata-se de uma adaptação muito sutil dos Doze Passos utilizados pelos AA e pelos Narcóticos Anônimos (NA)<sup>5</sup>. Associados à aplicação dos Doze Passos para os cristãos, Momm & Momm sublinham que o *modus operandi* das comunidades terapêuticas católicas indicam quatro pontos essenciais para a recuperação do dependente químico em tratamento: o indivíduo deve aceitar o fato de que sofre de uma doença crônica, porém tratável; tem de parar de usar droga ou álcool, embora a abstinência não seja de maneira nenhuma o único fator de recuperação; tem de ficar motivado e desejar fazer o que for necessário para auxiliar em sua recuperação; tem de fazer uma contínua e ampla modificação na capacidade de aceitar a vida e a si mesmo pelo que realmente é. Em geral, o dependente químico é recebido na comunidade terapêutica para a realização de um tratamento com previsão de nove meses de duração. Este tratamento é dividido em três etapas, sendo elas: os três primeiros meses destinados à desintoxicação; do quarto ao sexto mês dedicados ao desenvolvimento de valores através da vivência em grupo e da responsabilidade no trabalho; e os três últimos meses destinados à preparação do indivíduo para o seu retorno à sociedade (MOMM & MOMM, 2000).

Assim, tal como ocorre no pentecostalismo, nas comunidades terapêuticas católicas destinadas ao atendimento de dependentes químicos o indivíduo dependente químico também é visto como isento da responsabilidade pelo surgimento de seu vício de drogas, uma vez que

---

<sup>5</sup> Os Doze Passos dos Narcóticos e Alcoólicos Anônimos são os seguintes: 1º. Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontrolláveis; 2º. Viemos a acreditar em um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade; 3º. Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos; 4º. Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos; 5º. Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas; 6º. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter; 7º. Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos; 8º. Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas; 9º. Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras; 10º. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitimos prontamente; 11º. Procuramos, através de prece e meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade; 12º. Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado desses passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades. (Informação disponível em <http://www.na.org.br/doze-passos-html>. Acesso em: 22 dez. 2015).

---

ele é considerado um portador de uma doença crônica que o leva a consumir entorpecentes de maneira abusiva. Todavia, embora não seja o responsável direto pelo surgimento de seu vício, a adoção de medidas que podem levar o indivíduo a se afastar da dependência química é de sua alçada e compõem parte da escolha proativa que pode ser feita apenas pelo indivíduo que busca sua recuperação. Dentro desta perspectiva, não seria possível atingir a cura da dependência química por completo, o que exigiria do indivíduo dependente químico em tratamento o esforço diário e contínuo no projeto de se manter longe do uso de drogas.

## **7. A CAPILARIDADE DO PENTECOSTALISMO ENTRE AS CAMADAS POPULARES**

Outro conjunto bibliográfico bastante profícuo e que não poderia deixar de ser citado para aclararmos esta discussão é o que trata da capilaridade que o pentecostalismo e a Igreja Católica encontram nas camadas populares. O processo de crescimento da urbanização, o conseqüente aumento das demandas de bens coletivos e individuais em associação com a dilapidação dos direitos humanos e sociais são apontados como fatores responsáveis, entre outros, pelo extraordinário crescimento das classes populares nas igrejas de todas as religiões e, principalmente, nas igrejas evangélicas (VALLA, 2002). Em Mariz & Machado (1994) vemos apontamentos sobre a frágil atuação dos partidos políticos, de associações e do próprio Estado no que diz respeito à promoção do bem-estar dos mais desafortunados. Estas autoras também descrevem como as religiões oferecem alguns grupos de suporte alternativo e criam motivações para enfrentar a pobreza. Da mesma forma, Machado (Ibidem) observa que a falta de apoio institucional faz com que as igrejas ofereçam um “potencial racionalizador”, ou seja, um sentido para a vida. E em Mariz (1994c) encontramos uma descrição de como o pentecostalismo ajuda os mais pobres na organização de estratégias de luta por sobrevivência e a encontrar legitimação religiosa para o seu desejo de superação da pobreza e da opressão e conseguir prosperidade.

Mariz (1996) igualmente destaca que o potencial transformador do pentecostalismo no âmbito das camadas populares não é fruto apenas das experiências de pertença à comunidade e do contato direto com o sagrado, já que estas experiências são encontradas entre as religiões de maneira geral. O que de fato torna a influência do pentecostalismo singular entre os mais

---

pobres é a capacidade que esta vertente religiosa possui para inspirar experiências que auxiliam os indivíduos a melhor se adaptarem à sociedade moderna.

Ainda no que se refere à expansão do pentecostalismo nas camadas populares, Pinezi (2003) nos sugere que há uma relação entre a ênfase que o pentecostalismo atribui à cura divina e a precariedade dos serviços públicos de saúde. Para esta autora, a dificuldade em ter acesso a serviços públicos de saúde de qualidade e adequados às suas necessidades constitui um fator, entre outros, que leva uma ampla parcela da população de baixa renda a buscar uma espécie de cura mágico-religiosa para males físicos e emocionais nas igrejas pentecostais (PINEZI, 2003).

Outro aspecto da afinidade entre pentecostalismo e as camadas populares é sublinhado por Vital (2008), que, através de extensa pesquisa realizada na favela de Acari, localizada na zona norte no Rio de Janeiro, pôde apreender a aproximação entre a retórica pentecostal e o *ethos* dos moradores daquele lugar. Segundo a autora, a perspectiva teológica e doutrinária do pentecostalismo que caracteriza a oposição entre “bem” e “mal” de forma beligerante (onde o “bem” precisa sempre lutar contra o “mal”), estabelece fortes pontos de comunicação com o *ethos* dos moradores em geral. Ainda dentro das constatações feitas por Vital (2008), a favela possui algumas particularidades que fortalecem o sentimento de insegurança, de desrespeito, de baixa confiança em si mesmo e nas instituições como um todo (Ibidem, 2008, p. 27). Por isso, a rede construída pelos membros de igrejas evangélicas através do pertencimento religioso estabelece uma via pela qual os habitantes da favela observada possam encontrar acolhimento, proteção material, emocional e espiritual. Todo este panorama, de acordo com a autora, possibilita ao indivíduo convertido a uma igreja pentecostal dispor de alguma sensação de segurança, além de poder participar de redes de apoio onde os “irmãos” são sempre priorizados (2008, p. 28).

Smilde (2012) fortalece todos os apontamentos feitos pelos autores indicados acima ao dizer que o pentecostalismo figura como uma forma de lidar com os desafios que as camadas populares encontram diante de si cotidianamente. Entre tais desafios, encontra-se aquele que compõe o tema da presente pesquisa, a saber, o uso abusivo de drogas. Para este autor, o movimento evangélico em geral atua como uma forma de agência cultural através da qual os indivíduos “conseguem conquistar o controle de aspectos do seu contexto pessoal e social” (2012, p. 21). Uma vez que a religião proíbe de beber, de usar drogas, fumar e jogar e, ao

---

mesmo tempo, consegue oferecer uma rede social alternativa, o indivíduo encontra respaldo para superar a dependência química e se manter firme no propósito de não voltar aos hábitos da vida pregressa. Afora isso, a rede social formada pelos membros da igreja é capaz de acompanhar o progresso do indivíduo por meio de mecanismos que deixam clara a desaprovação sobre determinados comportamentos considerados inadequados (SMILDE, 2012, p. 21).

## 8. OS BINÔMIOS “PENTECOSTALISMO *VERSUS* VIOLÊNCIA” E “IGREJA CATÓLICA *VERSUS* VIOLÊNCIA”

A análise do binômio pentecostalismo *versus* violência também é um tema de destaque que deve ser ressaltado. Vital (Ibidem) aponta que o fato do pentecostalismo se identificar com a retórica da batalha contra o “mal” sob o comando do “senhor dos exércitos” favorece a aproximação de traficantes de drogas a esta vertente religiosa. É interessante notar que, segundo a autora, embora possa parecer incoerente a coexistência de um discurso religioso com uma prática criminosa, a gramática pentecostal possui elementos nos quais os traficantes de drogas podem encontrar justificativas e novas posturas para a forma como lidam dentro do mundo do crime.

Mafra (1998) nos indica que a cosmologia pentecostal tende a dar um caráter espiritual ao problema da violência, o que evita a criação de uma oposição direta entre pentecostais e traficantes, ainda que os crentes vejam os traficantes como fantoches comandados pelo demônio. À contramão do que poderia parecer, o proselitismo pentecostal promove uma aproximação entre crentes e “bandidos”, pois estes últimos figuram na cosmologia pentecostal como almas que devem ser conquistadas para Cristo (MAFRA, 1998). Ainda de acordo com Mafra, em suas relações com “bandidos” os pentecostais não teriam como preocupação o resgate da cidadania destes indivíduos marginalizados, muito menos a promoção de conscientização política ou ideais de justiça social. O único fator que impulsiona os pentecostais em seu projeto proselitista entre marginais é o entendimento da necessidade de levar a palavra de Deus a todas as criaturas (MAFRA, 1998). Inclusive, Sorj (2003) destaca que o fato das igrejas evangélicas conseguirem se afastar mais facilmente do mundo da política e das instituições seculares fez com que elas tivessem maior capacidade que a Igreja Católica Progressista de separar o mundano e o sagrado e, como consequência disso, a



maioria dos traficantes que buscam uma “nova vida” acaba por procurar denominações evangélicas.

Birman & Machado (2011) também apresentam um estudo de caso bastante ilustrativo sobre a relação entre pentecostalismo e violência. Vídeos produzidos pela produtora da Assembleia de Deus dos Últimos Dias, igreja comandada pelo por Marcos Pereira, foram usados pelas autoras como objeto de análise para o entendimento da interseção entre pentecostalismo e violência. As autoras apontam o caráter inusitado e, ao mesmo tempo próximo ao senso comum, das associações religiosas promovidas por esta igreja entre crime, violência e periferias através do uso de recursos midiáticos bastante utilizados. Nestes vídeos, o pastor é apresentado em suas incursões por favelas cariocas, nas quais o mesmo promove ações de resgate de usuários de drogas e indivíduos condenados pelo “tribunal do tráfico”<sup>6</sup>. Nestas filmagens, segundo as autoras, fica clara a criminalização de territórios populares através da associação, quase que imediata, entre crime e periferia. Contudo, ainda de acordo com as autoras, esse tipo de elaboração de fronteiras que demarcam um território como violento trata-se apenas da reprodução de um discurso corrente e banalizado desde muito tempo sobre a periferia (BIRMAN & MACHADO, 2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas acima estivemos diante de uma vasta bibliografia que trata de temas relacionados à interseção entre religião e dependência química. Vimos o embate que a Igreja Católica e o Protestantismo estabelecem contra o uso de drogas, sobretudo aquelas classificadas como ilícitas, assim também como vimos a atuação de denominações evangélicas e da Igreja Católica no tratamento de dependentes químicos em geral. Também estivemos diante de autores que nos indicam a religião como um potencial fator de proteção ao uso abusivo de drogas, demonstrando assim que o fenômeno religioso atravessa suas fronteiras e reverbera em diversas esferas sociais. A questão da autodeterminação do indivíduo, tão cara nas Ciências Sociais, fora igualmente de suma importância para o panorama apresentado, da mesma forma que a capilaridade encontrada pelo pentecostalismo nas camadas populares mostra-se

---

<sup>6</sup> Popularmente, dá-se o nome de “tribunal do tráfico” aos atos impetrados por traficantes de drogas com o intuito de punir o indivíduo que tenha realizado algo que, sob o ponto de vista dos traficantes, seja merecedor de ação coercitiva caracterizada por tortura física e morte. Assim, indivíduos que não saldaram suas dívidas constituídas através da compra de drogas ou indivíduos classificados como “x-9”, ou seja, delatores, são alguns dos exemplos de perfis que, via de regra, são julgados e condenados sumariamente pelo tribunal do tráfico.

igualmente fundamental. Por fim, os binômios “pentecostalismo versus violência” e “Igreja Católica versus violência” serviram para compor o debate aqui exposto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, José Carlos Marcondes; OLIVEIRA, Lívia Faria Lopes dos Santos; DUAILIBI, Lígia Bonacim. Grupos de mútua ajuda. In: RIBEIRO, Marcelo & LARANJEIRAS, Ronaldo (Orgs). **O tratamento do usuário de crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- BECKER, Howard. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro. Zahar, 2008.
- BIRMAN, Patrícia. Males e malefícios no discurso neopentecostal. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (Orgs). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.
- \_\_\_\_\_; MACHADO, Carly. **A violência dos justos: evangélicos, mídia e biopolítica – O caso do Pastor Marcos**. XXVIII Congresso Internacional da ALAS, Recife, 2011.
- BOMENY, Helena. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BONTEMPO, Márcio. **A saúde da água para o vinho: o vinho, seu mundo e suas propriedades medicinais para prevenir doenças e viver mais**. Brasília: Editora Thesaurus, 2012.
- BUCHER, Richard; COSTA, Priscila Fernandes. Modelos de atendimento aos usuários de drogas. In: BUCHER, Richard. **As Drogas e a Vida**. São Paulo: EPU, 1988. p. 69-80.
- COMPÊNDIO DE CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005.
- CORDEIRO, José Mário Simil; GONÇALVES, Elizabeth Costa. Anotações sobre o perfil de uma instituição especializada no atendimento a dependentes químicos. In:
- DALGALARRONDO, Paulo, et al. Religião e uso de drogas por adolescentes. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 26 (2), p. 82-90, 2004.
- DIEHL, Alessandra; CRUZ, Daniel; LARANJEIRA, Ronaldo (Orgs). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre; Artmed, 2011.
- DOMINIAN, Jack. **Maturidade sexual: a solução para a AIDS**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- DOREA, Adalgisa Viana. **Práticas terapêuticas religiosas no tratamento da drogadicção: estudo de caso na comunidade “desafio jovem de Sergipe”**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, UFS, 2011.
- EVANS, Abigail. **O ministério terapêutico da Igreja: programas práticos para Ministérios de Saúde**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- GUIMARÃES, José Eugênio. **Razão e religião: Pentecostais, Visões de Mundo e Conduta**. 1992. Dissertação (Mestrado), CPDA-UFRRJ, 1992.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo; Cia. das Letras, 1995.

LUZ, Márcia Maria de Carvalho. **A religiosidade vivenciada na recuperação de dependentes químicos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2007.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MAFRA, Clara. Drogas e símbolos: redes de solidariedade em contextos de violência. In: ALVITO, Marcos e ZALUAR, Alba (Orgs.). **Um século de favela**. FGV. 1998.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais e política no Brasil. **ComCiência**, internet, v. 65, 2005.

MARIZ, Cecília Loreto. A teologia da guerra espiritual: uma revisão da literatura sócio-antropológica. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 47, p. 33-48, 1999.

\_\_\_\_\_. O Demônio e os pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (Orgs). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

\_\_\_\_\_. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: GUTIÉRREZ, Benjamim; CAMPOS, Leonildo (Orgs). **Na força do espírito - os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: Associação Literária Pendão Real, 1996.

\_\_\_\_\_. Alcoolismo, pentecostalismo e gênero. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, 1994a. p. 80-93.

\_\_\_\_\_. Libertação e ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos, nem demônios**. Petrópolis: Vozes, 1994b.

\_\_\_\_\_. **Coping with poverty**. Philadelphia: Temple University Press. 1994c.

\_\_\_\_\_. MACHADO, Maria das Dores Campos. Sincretismo e Trânsito Religioso: Uma Comparação Entre Pentecostais e Carismáticos. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, v. 45, p. 24-34, 1994.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005, p. 146-147.

MOMM, Nilo; MOMM, Juliana Camargo. **Escolha a felicidade: vida sem drogas**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Escala de coping religioso-espiritual: elaboração e validação de construto. **Estudos de Psicologia**, Natal, 10 (3), 2005. p. 507-516.

PINEZI, Ana Keila. O mal exorcizado. **Revista Impulso** (Piracicaba), v. 14, 2003, p. 65-73.

RIBEIRO, Hewdy; BOGAR, Mariana. Espiritualidade e dependência química. In: DIEHL, Alessandra; CRUZ, Daniel; LARANJEIRA, Ronaldo et al (Orgs). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre; Artmed, 2011.

ROLIM, F. C. **O que é Pentecostalismo**. São Paulo, Coleção Primeiros Passos, Brasiliense, 1987.

SANCHEZ, Zila Van Der Meer. **As práticas religiosas atuando na recuperação de dependentes de drogas**: a experiência de grupos católicos, evangélicos e espíritas. 2006. Tese (Doutorado em Psicobiologia) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2006.

SAVATER, Fernando. **A vida eterna**: um convite lúcido a refletir sem medo sobre a religião, a razão, a morte e a vida eterna. Barcelona: Dom Quixote, 2008.

SILVA, Amaro Carvalho da. Convergências e divergências do nacionalismo católico. In: FERREIRA, Antonio Matos; ALMEIDA, João Miguel. **Religião e cidadania**: protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto ibérico. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2011.

SILVA, Jacirley de Almeida; GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. Comunidades terapêuticas religiosas de tratamento de dependência química no estado do Espírito Santo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 54 (4), p. 243-252, 2004.

SMILDE, David. **Razão para Crer**: agência cultural no movimento evangélico latino-americano. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

SODANO, Angelo. A posição da Igreja é firme e continua clara: não legalizemos as drogas. In: MOMM, Nilo (org). **Pastoral da sobriedade**: pronunciamentos da Igreja. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2000.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

VALLA, Victor Vincent. Pobreza, emoção e saúde: uma discussão sobre pentecostalismo e saúde no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, 2002. p. 63-75.

VITAL, Christina. “Traficantes evangélicos”: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas. **Revista Plural**. São Paulo, v. 15, 2008, p. 23-46.